



## A IMPORTÂNCIA DO ENSINO COM GÊNEROS TEXTUAIS COMO MEIO DE APRENDIZAGEM

THE IMPORTANCE OF TEACHING WITH TEXTUAL GENDERS AS A  
LEARNING MEDIA

Thaís Oliveira Andrade<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo objetivou analisar como as práticas de ensino com gêneros textuais são substanciais para garantir a aprendizagem significativa e contextualizada da Língua Portuguesa. A proposta do trabalho foi dialogar como os gêneros textuais colaboram efetivamente para o desenvolvimento da linguagem e da compreensão das representações das práticas sociais que caracterizam determinados contextos históricos. Sabe-se que os diversos gêneros textuais não são bem utilizados nas salas de aula durante as aulas de Língua Portuguesa nem tampouco nas demais disciplinas. Estes são explorados apenas como pretexto para ensinar a gramática e normas ortográficas, isso tem tornado a aprendizagem da língua portuguesa pouco atraente e significativa. Com o propósito de analisar como funcionam enquanto objeto e instrumento de trabalho para os docentes, os dados coletados realizaram-se através de uma pesquisa bibliográfica. Direcionamos e embasamos o estudo e análise de acordo as postulações de alguns teóricos que abordam e dialogam sobre a temática em questão, como: Bakhtin (1992), Dolz e Schneuwly (1994), Marcuschi (2002) entre outros. Assim, obtemos dados e realizamos uma análise crítica sobre a necessidade em se trabalhar com os gêneros textuais como meio de ensino aprendizagem mais significativa e contextualizada para prática pedagógica do ensino da Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:** Gêneros textuais. Ensino. Aprendizagem. Língua Portuguesa.

**ABSTRACT:** The present article aimed to analyze how the teaching practices with textual genres are substantial to guarantee meaningful and contextualized learning of the Portuguese Language. The purpose of the paper was to discuss how textual genres effectively collaborate in the development of language and understanding of the representations of social practices that characterize certain historical contexts. It is known that the various textual genres are not well used in classrooms during Portuguese language classes nor in the other disciplines. These are explored only as a pretext for teaching grammar and orthographic norms; this has made learning the Portuguese language unattractive and meaningful. With the purpose of analyzing how they function as object and instrument of work for the teachers, the collected data were made through a bibliographical research. We direct and base the study and analysis according to the postulations of some theorists who approach and dialogue on the subject in question, such as: Bakhtin (1992), Dolz and Schneuwly (1994), Marcuschi (2002) among others. Thus, we obtain data and perform a critical analysis on the need to work with the textual genres as a means of teaching more meaningful and contextualized learning for pedagogical practice of teaching the Portuguese language.

**Keywords:** Textual genres. Teaching. Learning. Portuguese Language.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um estudo bibliográfico sobre a importância do uso dos gêneros textuais nas práticas de ensino, como meio de garantia da aprendizagem interdisciplinar no ensino de Língua Portuguesa. Os gêneros textuais já estão presentes nas salas de aula há muito tempo,

<sup>1</sup>Thaís Oliveira Andrade, thaisoa04@gmail.com



no entanto, a metodologia utilizada pelo professor não contempla efetivamente os gêneros textuais, utilizando-os apenas a serviço do ensino da gramática, deixando uma lacuna no que diz respeito ao conhecimento do gênero textual e também da produção textual.

Desta maneira, as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula para o ensino-aprendizagem precisam ser pautadas no efeito de desenvolver competência para o efetivo uso da língua. O ensino com gênero textual começa a possuir caráter funcional e social, conduzindo a objetivos claros e precisos da educação, como: ler, escrever, dominar e conhecer os diversos recursos linguísticos para compreender a si, o outro e o mundo.

A base da pesquisa foi pautada nos estudos de autores como: Bakhtin (1997), Dolz e Schneuwly (1994), Marcuschi (2002), no qual direcionam seus estudos e pesquisas para compreender o uso da linguagem e da língua. De acordo com Bakhtin (2003), todo uso que fazemos da língua se dá por meio de um texto-discurso (oral ou escrito) realização empírica de um gênero textual. Os diversos usos que todos fazem da língua são traçadas e legitimadas através das interações humanas.

A língua é um meio importante de representações sociais, no qual acabam por perpassar diversos valores, sejam eles econômicos, sociais, culturais, religiosos, entre outros. Logo, o ensino de Língua Portuguesa precisa estruturar-se primordialmente no estudo aprofundado do texto, já que a sociedade acaba produzindo uma variedade de gêneros textuais, sendo que cada um possui uma função social específica e com contextos comunicativos particulares. Para Bakhtin (1997), a conceituação sobre gêneros do discurso ou gêneros textuais como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Dessa maneira, faz-se notório que sua contribuição é apropriada, pois traz a conceituação de gênero, bem como discute sobre as inúmeras variedades, riquezas e complexidade dos gêneros, mostrando sobre suas múltiplas funcionalidades.

Diante disso, com a finalidade de fazer uma reflexão para a construção gradual do conhecimento sobre como o texto passa a ser concebido como uma ferramenta de ensino que trazemos os seguintes questionamentos: Quais as práticas de ensino com gêneros textuais são importantes para garantir a aprendizagem? Quais as práticas de ensino com gêneros textuais são mais eficazes para alcance da aprendizagem segundo os teóricos pesquisadores da área?

Dessa forma, no processo de aprendizagem da língua, o trabalho deve ser objetivado e direcionado com ferramentas e práticas significativas para os discentes. A partir dessas provocações, a pesquisa procura investigar sobre: Quais as práticas de ensino com gêneros textuais são importantes para garantir a aprendizagem no ensino de Língua Portuguesa?

Por conseguinte, este artigo, através de uma pesquisa bibliográfica faz uma abordagem reflexiva sobre a importância das práticas de ensino com gêneros textuais como garantia de aprendizagem no ensino da Língua Portuguesa. Para tanto, é de extrema importância que os docentes estejam qualificados e preparados para agir e lidar com as constantes mudanças que ocorrem no mundo e, promovam reflexões significativas e contextualizadas sobre a linguagem, sua utilidade e uso, para assim, preparar os discentes para seu uso efetivo, em situações e contextos diversos. Já que o uso da língua depende da apreensão do conhecimento do que se tem, do que se diz e do que se escreve.

Portanto, o processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa precisa estar baseado em propostas interativas entre língua e linguagem, linguagem na visão de capacidade humana em comunicar-se, acoplar significados, contextualizá-los e compartilhá-los. Afinal, quando o professor utiliza variados gêneros textuais em suas aulas, ele estará contribuindo para que o aluno tenha uma nova perspectiva crítica de leitura, escrita e produção textual.

## GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DA LÍNGUA



As práticas de ensino com gêneros textuais são substanciais para garantir a aprendizagem significativa da Língua Portuguesa. Uma vez que acreditamos que os gêneros textuais colaboram efetivamente e significativamente para o desenvolvimento da linguagem e compreensão das representações das práticas sociais que caracterizam determinados contextos históricos, bem como, funcionam como objeto e ferramenta de trabalho para os docentes.

Neste íterim, Travaglia (2003) aborda que convencionalmente o ensino de Língua Portuguesa esteve fundamentado no reconhecimento exploratório da gramática formativa, do ponto de vista prescritivo, em consequência, sob a imposição de um agrupamento de regras a serem seguidas. Múltiplos fatores ajudaram para que o ensino da língua materna transfizesse em um ensino de língua elitista. A força da língua elitizada tem precedente na agregação da disciplina Português ao currículo das unidades escolares, após o sistema de ensino estar sistematizado há muito tempo aos processos de alfabetização. Outra justificativa que determina a tradição do ensino elitista está diretamente ligada às classes sociais mais aprovisionadas que utilizavam a linguagem concebida como norma culta da língua, sendo apreciada e tratada como prestígio, a mesma que o sistema de ensino usava e gostaria de ver sendo utilizada.

No início da década de 80, no Brasil, tornaram-se crescentes os questionamentos e críticas ao ensino tradicional de produção, reprodução e recepções textuais, conseqüentemente surgiram inúmeros debates sobre a função da escola no processo de desenvolvimento de habilidades e competências referentes à linguagem. Até o momento, os sujeitos eram alfabetizados através do uso constante de cartilhas, onde os textos tinham como foco a alfabetização através de códigos e decodificações, restringindo-se ao ensino da gramática e, assim se arrastavam por toda a Educação Básica, não levando em consideração os diversos elementos dos contextos sociais.

Dessa forma, vários debates e pesquisas aconteceram e foram desenvolvidas, logo, muda-se o paradigma no processo de alfabetização, surgindo o letramento, pressupondo que é substancial existir momentos significativos relacionados à leitura e escrita na sala de aula. Ficando claro que o ensino da língua materna não pode restringir-se a mera transmissão de regras gramaticais através de atividades descontextualizadas, mas precisa ser elemento de estudo constante nas escolas, possibilitando assim a interação dos discentes com os múltiplos gêneros textuais que estão expostos cotidianamente. No início dos anos 90, os gêneros textuais foram abordados como eixo central do ensino de língua pela orientação curricular (BRASIL, 1997), ou seja, os documentos oficiais passaram a designar de forma explícita o ensino da leitura e escrita de textos orientados por gêneros textuais.

Conforme os estudos sobre textos ganham proporções maiores e passa a ser compreendido como elemento de comunicação, também começa a crescer a questão sobre os gêneros textuais, que atualmente, ganha destaque como meio de comunicação e ferramenta de ensino aprendizagem. Percebe-se a necessidade de inserir os gêneros textuais nas atividades em sala de aula, assim existindo uma ruptura com práticas que enfatizavam apenas os tipos textuais (narração, descrição e dissertação).

Em relação a isso, Dolz e Schneuwly (2004) acreditam que somente:

uma proposta de ensino/ aprendizagem organizada a partir de gêneros textuais permite ao professor a observação e a avaliação das capacidades de linguagem dos alunos; antes e durante sua realização, fornecendo-lhe orientações mais precisas para sua intervenção didática. Para os alunos, o trabalho com gêneros constitui, por um lado, uma forma de se confrontar com situações sociais efetivas de produção e leitura de textos e, por outro, uma maneira de dominá-los progressivamente. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 41).



Neste ínterim, a partir da postulação de gêneros textuais como meio de ensino, tanto em relação à produção quanto em relação à leitura, torna-se imprescindível a abordagem dos gêneros textuais no qual eles se concretizam, seguindo os pressupostos de aspecto temático, estilístico e composicional. Propõe a orientação curricular (BRASIL, 1997) que o trabalho pedagógico com tais ordens, mostram as inúmeras vantagens de abandonar o ensino tradicional esquematizado apenas com as estruturas textuais: narração, descrição e dissertação, para legitimar a perspectiva de que a instituição escolar precisa acoplar em sua prática os diversos gêneros textuais que circulam no meio social.

Diante do exposto, Bakhtin (1997) afirma que:

os gêneros constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. (BAKHTIN, 1997, p. 274).

Existe uma necessidade de um ensino de língua que aconteça e se materialize de maneira significativa e contextualizada, possibilitando aos discentes compreenderem o contexto no qual estão inseridos, bem como evidenciar a significação e contextualização no processo de ensino aprendizagem. O que não se deve fazer é empobrecer, descontextualizar ou restringir o contato dos sujeitos com sua língua materna.

Levando em consideração as conceituações sobre contexto, Koch refere-se ao contexto como:

o intermediário entre a situação discursiva e o sistema linguístico. Com o surgimento da pragmática, os estudos e a descrição das ações que os usuários realizam com a língua, em situação de interlocução através da linguagem, onde determinada cultura, cujas tradições, usos e costumes são valorizados, a concepção de contexto passou por algumas acomodações e tornou-se reconhecido. (KOCK, 2002, p. 17).

Contudo, para que o “eu” e o “tu” possam ter compreensão, faz-se necessário que seus contextos sejam pelo menos assemelhados e, em partes, compartilhados, já que em momentos de interação tais contextos sejam ampliados e alterados, isso obriga os sujeitos a se ajustarem a mais uma nova situação discursiva. Para tanto, faz-se necessário que os docentes envolvam os discentes em situações concretas do uso da língua, para que eles consigam através de meios propícios alcançarem e ampliar as situações discursivas.

Vale levar em consideração, que os discentes estão o tempo todo em contato com a variedade de gêneros textuais, então, cabe à escola promover momentos que favoreçam o conhecimento e compreensão dos gêneros textuais, de modo que produzam, identifiquem e conheçam, saibam utilizá-lo em seu cotidiano em situações específicas. A orientação curricular em seu texto estabelece que “são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamentos mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada”. (BRASIL, 1997, p.30). Um dos objetivos das orientações curriculares é conceber a educação como unidade comprometida com o exercício da cidadania, o que deixa a entender que se faz necessário criar meios para que o discente compreenda e produza complexos efeitos de compreensão e sentido, no uso da língua, adequando o texto aos diferentes contextos, direcionados a interlocução oral e escrita.

Segundo Carla Coscarelli:



não podemos entender que agora vamos ensinar nossos alunos a ler e produzir diferentes gêneros textuais fora de qualquer situação comunicativa. Gênero não deve ser matéria a ser dada ou conteúdo a ser cumprido. Nossos alunos não precisam ficar classificando textos em gêneros nem saber de cor as características de todos os gêneros textuais [...]. A ideia de trabalhar com os gêneros na escola surgiu da necessidade de trazer o contexto. (COSCARELLI, 2007, p. 81).

Nesse sentido, os gêneros textuais precisam ser percebidos como práticas de linguagem, de utilização diária nos diferentes contextos e situações de comunicação entre os indivíduos no momento em que fazem uso da linguagem em circunstâncias específicas. Lembrando que para cada circunstância determinada de comunicação, o locutor estrutura o seu falar na forma de texto com fim específico, fazendo uso de um gênero textual e não outro. De acordo com Bakhtin (1997) "a ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual", assim, é notório visualizar a aula de Português com capacidade cotidiana de interação verbal, tendo em vista que existe uma comunicação infundável, tanto oral como por escrito, já que há um locutor com objetivo de externalizar algo para seu interlocutor.

Nesse ínterim, é preciso pensar no ensino de gêneros, retextualizando o texto original, levando em consideração as características inerentes em cada texto e também a situação na qual foram criadas, as intenções do autor, bem como o contexto da sua criação. Assim, o professor deve pensar em atividades nas quais o aluno tenha um texto base que o leve a conhecer e pensar por quem foi escrito, onde e quando foi escrito, porque foi escrito, para quem foi escrito, em qual situação foi escrito, quais os valores que estão explícitos e implícitos no texto e a partir disso ele possa produzir o seu próprio texto. A realização de uma prática pedagógica eficiente, no entendimento de possibilitar e oportunizar ao aluno, estratégias de trabalho com gêneros textuais diversos que coopere para o desenvolvimento da capacidade efetiva de comunicação do sujeito.

O propósito de possibilitar o contato dos alunos com os diversos gêneros textuais que transitam nas inúmeras esferas de comunicação, corrobora com as práticas pedagógicas direcionadas ao trabalho com texto/gênero que precisam ser direcionadas para múltiplas estratégias de leitura e de produção textual, mas que também ajude nos estudos do vocabulário e no ensino da gramática de maneira dinâmica e criativa.

Contudo, os gêneros textuais são essenciais para o ensino da língua materna, tanto que tem destaque em documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p.12) alude que o ensino de recursos expressivos da linguagem, tanto de forma oral quanto na forma escrita, objetiva que o aluno desenvolva o conhecimento preciso no processo de ensino aprendizagem e saibam adequar suas atividades linguísticas com presteza nas múltiplas situações sociais comunicativas de que participam e para participar de novas. Expandir as diversas possibilidades do uso da linguagem em qualquer forma da utilização da linguagem torna-se extremamente importante.

## AS TEORIAS LINGÜÍSTICAS COMO CONTRIBUTO PARA O ESTUDO E ENSINO DOS GÊNEROS

A prática com gêneros textuais no ensino de língua portuguesa, enquanto ferramenta didática comprova que a linguagem vai além do limite da forma rigorosamente linguística, coopera para o desenvolvimento de competências tanto linguísticas como comunicativas e textuais. Alguns pesquisadores direcionaram seus estudos e pesquisas a caracterizar e conceituar os fundamentos de gênero, fazendo surgir diferentes interpelações acerca dessa temática. Rojo (2005) aponta que esses estudos podem ser divididos em duas vertentes teóricas: a dos gêneros



do discurso e a dos gêneros de texto. O gênero do discurso focaliza no estudo das situações de produção de enunciados e os gêneros do texto que se centra na descrição na materialidade textual.

De acordo com Reinaldo:

essa variação de critérios leva à sobreposição, e às vezes, à diferenciação entre os conceitos de tipo/gênero textuais, de(o) discurso. De modo geral, denominam-se gêneros textuais os textos particulares, que apresentam organização textual, funções sociais, produtor e destinatário definidos; e gêneros discursivos, aqueles que se caracterizam segundo critérios como fator de economia cognitiva, rotina, atividade social, finalidade reconhecida, interlocutores legítimos, lugar e tempo legítimos, suporte material e organização textual. (REINALDO, 2002, p. 02).

Os estudos sobre gêneros ainda que sejam expostos sobre perspectivas diferentes, “existe como ponto em comum entre eles o fato de reconhecerem, explicitamente, a primazia do social na compreensão dos gêneros e no papel do contexto”. (Ramires, 2005). Saindo desse pressuposto que se faz necessário fazer uma descrição panorâmica amparadas nas teorias e contribuições propostas por Bakhtin (1992), Schneuwly (1994) e Marcuschi (2002) para o estudo do gênero, para assim, visualizar e compreender quais suas contribuições, divergências e completudes em relação ao estudo e ensino do gênero. A seleção amparou-se nestes teóricos por ambos exibirem importantes abordagens sobre a temática abordada.

## A TEORIA DOS GÊNEROS DO DISCURSO BAKHTINIANO

Torna-se impossível pronunciar ou descrever gêneros sem mensurar as contribuições de Bakhtin para o estudo desta temática. O filósofo russo é classificado como um referencial extremamente relevante para o estudo de gênero. Suas conceituações e postulações sobre linguagem marcaram a linguística moderna e guiam a maioria das teorias de enunciação conhecidas até os dias atuais. Aponta Barros (2005, p.25) que Bakhtin influenciou ou antecipou as principais orientações teóricas dos estudos sobre o texto e o discurso desenvolvido, sobretudo, nos últimos 30 anos.

A teoria dos gêneros do discurso, postulado por Bakhtin, indica que a língua é uma ferramenta de interação. Para estudiosos, apenas a interação entre dois sujeitos socialmente estruturados pode dar início à enunciação. Segundo Bakhtin (2003, p.282), “a comunicação ou a fala ocorre através dos gêneros e, muitas vezes, o falante não se dá conta disto”. De acordo a essa afirmação, há um vasto campo de gêneros escritos e orais que são usados, conforme intencionalidade comunicativa, o que define gênero. Nesse sentido, as conceituações colocadas por Bakhtin têm como fundamento cêntrico, a visão de que o uso da linguagem se realiza no interior das relações e interações sociais realizadas e mantidas pelos sujeitos.

Além do mais, enfatiza que existe a inevitabilidade do falante dominar os gêneros para comunicar-se, já que isto lhe dá a capacidade comunicativa em qualquer lugar, esfera ou ambiente, com qualquer interlocutor, interagindo com diversas temáticas cotidianas, salientando que o falante só escolherá e dominará o gênero se aprendê-lo com propriedade.

é preciso dominar bem os gêneros para empregá-lo livremente. Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível



e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, [1979], 2003, p. 285).

Expressamos-nos através da fala sempre por meio de gêneros em uma dada circunstância de interação e atividade humana. O contexto estipula as características do gênero que será utilizado. “Cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. (BAKHTIN, 1979, p. 280).

Rodrigues comenta que:

cada esfera, com sua função socioideológica particular (estética, educacional, jurídica, religiosa, cotidiana etc) e suas condições concretas específicas (organização, socioeconômico, relações sociais entre os participantes da interação, desenvolvimento tecnológico etc), historicamente formula na/para a interação verbal gêneros discursivos que lhe são próprios. Os gêneros se constituem e se estabilizam historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão se estabilizando no interior dessas esferas. (RODRIGUES, 2005, p.164).

Os diversos processos de interação fundamentam enunciados que reflexionam as situações específicas e as finalidades estabelecidas por campo de linguagem não só pelo tema e estilo, mas por sua composição. Como subsistem diversas esferas de comunicação, o sujeito utiliza a linguagem de diversas maneiras para atingir específicos objetivos. Logo, fazendo com que exista uma multiplicidade de gêneros do discurso que se materializam nas mais variadas situações de uso da linguagem.

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana por que em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica em determinado campo. (BAKHTIN, 1979, p.262).

Em outras palavras, a atividade humana está em constante desenvolvimento, a todo o momento surgem novas formas de comunicação o que faz com que os indivíduos necessitem utilizar diferentes linguagens, por isso, existem inúmeros gêneros textuais, que atendem às mais variadas necessidades de se comunicar da sociedade moderna.

Segundo Bakhtin (1979) “a grande quantidade de gêneros do discurso existente faz com que seja praticamente impossível que todos eles sejam catalogados”. Nessa perspectiva, o autor salienta que há validade em destacar a existência de gêneros primários e gêneros secundários. “Gêneros primários se constituem de enunciados preferidos em circunstâncias de comunicação verbal espontânea e servem de base para a constituição de gêneros secundários”. (RAMIRES, 2005).

Os gêneros primários dizem respeito às relações comunicativas imediatas, com o propósito de comunicação verbal espontânea no dia a dia, tal como conversas familiares, bate-papo em redes sociais, diálogo cotidiano, entre outros. Os gêneros secundários começam no convívio cultural mais profundo, com linguagem mais rebuscada, que abrange assuntos relacionados à publicidade, ciência, literatura, cultura, dentre outros.



Neste contexto, um fator substancial pontuado por Bakhtin dirige-se a finalidade do enunciador, defende a percepção de que para escolher o gênero que será utilizado nas interações comunicativas, primeiramente o enunciador precisa ter clareza de seu desejo discursivo que é estabelecida pela particularização de uma esfera. A intencionalidade discursiva com todas as partes de sua totalidade subjetiva e própria é adaptada e destinada ao gênero elegido.

Portanto, aprender a falar significa aprender a construir e estruturar gêneros textuais, para cada território de produção, recepção e circulação dos discursos subsiste gêneros estabelecidos. Todo discurso solicita uma definição de diferentes palavras, determinante do estilo da mensagem. Levando em consideração o valor do sujeito, dos contextos sociais, históricos, ideológicos e das esferas de comunicação na utilização efetiva da linguagem. Sua teoria tornou-se fundamental para as formas mais elementares de comunicação, bem como, se mantêm na contemporaneidade à capacidade de se conectar com o passado, o presente e o futuro.

## SEQUÊNCIAS TEXTUAIS POSTULADAS POR DOLZ E SCHNEUWLY

O ensino aprendizagem de Língua Portuguesa com base em estudos de textos não é um assunto novo. No Brasil, tal princípio firma-se por várias propostas e programas curriculares. Para Antunes (2005) “o texto falado, ouvido, lido e escrito é (ou ao menos deveria ser) o objeto principal das aulas de Língua Portuguesa”. A visão de Schneuwly sobre tipos de discurso e gêneros de discursos e linguagem oral encontram-se no PCN. Desde a década de 80, Schneuwly (1996), pesquisa e direcionam seus estudos sobre como o sujeito aprender a escrever, seu empenho se materializa na criação de sequências didáticas para o ensino de expressão da oralidade e da escrita.

No intuito de abordar sobre a importância dos gêneros na sala de aula, Dolz e Schneuwly (2004) estruturam um modelo didático que objetiva compreender as particularidades de cada gênero baseado em teorias, pesquisas e estudos desenvolvidos por pesquisadores da área. Idealizam entender a associação entre gêneros trabalhados na sala de aula e sobre os gêneros que funcionam no meio externo a ela como instrumento de referência para o aprendizado do aluno. Segundo os autores, as sequências didáticas possibilitam aos alunos colocar em prática os aspectos da linguagem, internalizados e, os que ainda não possui destreza, possibilitando que compreendam e aprendam da melhor forma possível o conteúdo transmitido pelo professor.

Neste contexto, primeiramente, o docente apresenta a conjuntura (gênero) de maneira pormenorizada aos alunos, em seguida, os alunos irão realizar a primeira produção textual sobre o gênero exposto e trabalhado. Consequentemente, o docente terá a oportunidade de constatar quais conhecimentos os alunos agregam sobre o gênero, para, então, ajustar as atividades que serão realizadas pelos alunos no decorrer da sequência didática (utilizada no ensino do gênero escolhido). A produção introdutiva é essencial para o ajuste da sequência didática, pois é através dela que o docente terá noção das principais dificuldades dos alunos e poderá notar quais os níveis de conhecimento que os mesmos têm sobre o gênero, assim, o docente irá inserir exercícios e atividades que permitirão que os alunos dominem e aproprie-se do gênero escolhido. As atividades precisam ser realizadas por módulos.

O ensino com os módulos possibilita que o docente observe as dificuldades, o conhecimento e as descobertas dos alunos no processo de ensino aprendizagem com o gênero. Vale ressaltar, que o aluno constrói conhecimento, interage socialmente com o outro por meio das atividades propostas pelo docente. Os exercícios precisam ser pensados, levando em consideração as necessidades individuais de cada aluno. Logo, na produção final, depois de um estudo aprofundado das especificidades do gênero, o aluno terá adquirido conhecimento para



redigir um texto que será visto pelo docente. Assim, o docente verificará se o aluno construiu o conhecimento do gênero estudado e se apreendeu e aperfeiçoou suas capacidades linguísticas.

Contudo, o processo de ensino aprendizagem da língua pelos alunos, pode-se admitir que as sequências didáticas sejam substanciais para o ensino e estudo com gênero, pois permitem um direcionamento no trabalho do docente, tendo em vista a potencialização das competências linguísticas dos alunos. O principal objetivo em usar sequência didática no ensino de gênero, enfatizada por Dolz e Schneuwly (2004, pg.98), “é possibilitar aos alunos utilizar a língua em várias situações comunicativas do dia-a-dia com competência”. O sujeito poderá adquirir maior autonomia da linguagem.

Na visão dos estudiosos os gêneros são ferramentas que permite fazer uso da língua. O sujeito atua discursivamente (escreve/fala), em um ambiente social, utilizando um gênero determinado como objeto semiótico complexo, ou seja, “uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão do texto”. (Schneuwly, 2004, p.27). A descrição dos fatores que direcionam a situação de interação é fundamental para a escolha do gênero textual usado. Essa abordagem, colocada por Schneuwly, pretende comprovar que o gênero é uma ferramenta que faz a mediação relacional entre sujeito e linguagem.

Guiado pelo entendimento teórico de Bakhtin, Dolz e Schneuwly (2004, p. 52) declara que todo gênero se define por três extensões essenciais:

- 1) Os conteúdos que são (que se tornam) dizíveis através dele;
- 2) A estrutura (comunicativa) particular dos textos pertencentes ao gênero;
- 3) As configurações específicas das unidades de linguagem, que são sobretudo traços da posição enunciativa do enunciador, e os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura.

Salienta Schneuwly (2004) que “os gêneros são ótimos instrumentos para ensinar e aprender a língua. Quanto mais gêneros são apropriados, maiores são as capacidades de usar a língua”. O autor esclarece como os gêneros são ferramentas ricas para a aprendizagem. Considera que toda a aprendizagem não se dá individualmente, de forma unilateral, mas nas interações sociais comunicativas. Os gêneros são instrumentos que são utilizados para fins comunicativos, objetos de comunicação social elaborados, materializando-se na comunicação com outra pessoa. Entretanto, a ferramenta só é eficaz, enquanto mediador, se o sujeito se apropriar dela.

Nesse sentido, Schneuwly (2004, p.24) aponta que “O instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização”. Contudo, Schneuwly corrobora com as considerações de Bakhtin a respeito de gêneros.

## MARCUSCHI E O ESTUDO DO GÊNERO

Os estudos de Marcuschi (2002) volta-se para o desenvolvimento da Linguística no século XX, idealizando o gênero como prática sócio-histórica, expondo a importância de estabelecer e ordenar comunicação diária, concebendo o gênero como objeto dinâmico que surge como necessidade e exercício sociocultural. Estabelece Marcuschi que:

os gêneros como todos os textos encontrados em nossa vida cotidiana, os quais apresentam padrões sócio comunicativos com características definidas por funções, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).



Os gêneros textuais são representados por suas singularidades linguísticas e estruturais. Enfatiza a distinção entre gêneros textuais, domínio do discurso e tipos textuais, salientando que gênero textual são os textos que se encontram na vida cotidiana e estabelecem funções sociocomunicativas estipuladas por conteúdo, estilo e composição característica. O domínio do discurso é utilizado para constituir a esfera de construção discursiva nos quais os textos circulam, também proporcionando, o início de discursos específicos como: religioso, jornalístico, jurídico etc., podendo reconhecer os mais diversos gêneros textuais. Já o tipo textual designa a teoria definida pela natureza linguística de sua ordenação, abrangendo cerca de “meia dúzia” de compartimentos conhecidos por: descrição, narração, argumentação, exposição, injunção. Entretanto, enfatiza que [...] “a tipicidade de um gênero vem de suas características funcionais e organização retórica”. (Marcuschi, 2008, p. 159).

Postula Marcuschi que “não há relação de biunicidade entre gênero e texto”, declaração que define um importante aporte para reconhecer que textualidade e gênero são dois elementos diferentes, mas não obstante, só pode ser compreendido e explorado se os conceber como conjunto. Sobre o propósito de gênero, apresenta aproximação do discurso estabelecido com o pensamento de Bakhtin (2003), no sentido dado a essa expressão, já que concebe que o discurso abordado é mudado ao entrar em um novo contexto. Assim como a linguagem, os gêneros são estruturas históricas, ou seja, une o estável (estrutura) com o instável (histórico). Gênero é um instrumento organizado, existindo nas perspectivas da: intertextualidade, interdiscursividade e intergenericidade.

A intertextualidade define-se com a presença de tipos de enunciados de outros textos em determinado texto. A interdiscursividade configura-se como situações enunciativas que se mostram dentro de outras situações enunciativas. Já a intergenericidade designa-se como a organização discursiva que faz com que um gênero escolha um texto, mas não o contrário. Marcuschi entende que a problemática não se encontra na nomeação, mas sim, no reconhecimento do gênero, “pois é comum burlarmos o cânon de um gênero fazendo uma mescla de formas e funções”. Marcuschi (2008). Enfatiza a essencialidade da intergenericidade quando aponta que “isso não deve trazer dificuldade alguma para a interpretabilidade, já que impera o domínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero, o que evidencia a dinamicidade dos gêneros”. (Marcuschi, 2008, p.166).

Marcuschi também destaca sobre o problema de retextualização, vista como uma tarefa de transformação de um texto para o outro, defende que:

a retextualização [...] não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2003, p.46)

Neste contexto, Marcuschi, chama a atenção, para se notar a importância de perceber que para existir retextualização é preciso a utilização de outro gênero ou outra modalidade, entretanto, este exercício de transformação textual requer compreensão, ou seja, faz-se necessário que o sujeito compreenda o que dito ou o que se quis dizer. O processo de retextualização não é apenas passar um texto falado para o texto escrito de maneira formal. Segundo Marcuschi (2003) “o método para o ensino da língua materna, e que esta técnica serve para aferir o grau de consciência linguística e o domínio da noção das relações entre o texto oral e o texto escrito”. Ainda que tais rotinas diárias automatizadas, as retextualizações não se enquadram em reproduções mecânicas.



A reformulação de textos em uma múltipla variedade de gêneros, registros, estilos, todas as vezes que se reprisam, relatam ou fazem citações, estão se transformando, recriando e reformulando uma fala em outra, já que “a escrita não acrescenta massa cinzenta ao indivíduo que a domina bem como o não domínio da escrita não evidencia de menos competência cognitiva”. (MARCUSCHI, 2003, p.48).

Neste contexto, aponta sobre a distinção entre transcrever e retextualizar. Salientando Marcuschi que transcrever se trata de “passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica, com base numa série de procedimentos convencionais, porém, estas mudanças não podem implicar na natureza do discurso do ponto de vista da linguagem e do conteúdo”. (MARCUSCHI, 2003, p.49). Transcrever é como uma transcodificação, ou seja, do sonoro para o gráfico, mas não pode ser confundida com uma paráfrase como se fosse uma paridade semântica.

A intextualização “interfere-se tanto na forma e substância da expressão como na forma e substância do conteúdo, sendo que a situação é mais complexa (Marcuschi, 2003). Trata-se não reescrita de um texto, conforme a adequação as normatizações, refere-se a uma atividade significativa, pois descreve e estabelece o que foi externalizado por outra pessoa. As atividades de retextualização são tarefas significativas e conscientes que segue inúmeras técnicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros textuais são reconstruídos e criados constantemente pelos sujeitos através das interações sociais e comunicativas. Logo, os gêneros textuais são importantes, enquanto instrumento de trabalho, para a efetivação da aprendizagem significativa no processo de aprendizagem e sua contribuição não pode ser descartada ou diminuída. As diversas atividades de linguagem precisam servir de apoio para a construção do conhecimento e compreensão efetiva do que é preciso para que o sujeito produza e entenda a língua.

Para tanto, a introdução de gêneros textuais no decorrer do processo de ensino aprendizagem é preciso, já que coopera para a aprendizagem e expansão da linguagem e da língua, colaborando com o trabalho docente, uma vez que se torna instrumento e meio de aquisição de conhecimentos. Assim, não tem como desconsiderar a importância dos gêneros textuais nas práticas educativas em sala de aula.

Contudo, receber a formação adequada que proporcione ampliação dos conhecimentos acerca de como se trabalhar com os gêneros textuais torna-se fundamental. Além do mais, para que o discente aprimore a linguagem é relevante que o docente organize um trabalho sistematizado em sequências didáticas que se configura em diversos conjuntos de gêneros.

Vale salientar que é preciso conhecer os diversos gêneros textuais posto no cotidiano, pois, através do estudo com gêneros textuais, nota-se que o ensino torna-se um elemento rico de ensinar e aprender a língua de maneira significativa e contextualizada, abarcando as mais diversas maneiras de empregar as estruturas linguísticas e conteúdos, possibilitando ao discente construir diversas competências como: oral, comunicativa, analítica, textual, reflexiva, além de aumentar a aptidão em interpretar e o gosto pela leitura. Ademais, para a continuação ou possibilidades de futuras pesquisas direcionadas aos gêneros textuais seria substancial realizar análises de livros de didáticos, ou seja, como os gêneros textuais são colocados nos livros didáticos para o ensino significativo, já que o livro didático é uma ferramenta utilizada constantemente em sala de aula.

Portanto, diante do que foi exposto, constatamos que o ensino com gêneros textuais é fundamental para o processo de aprendizagem da língua. Já que o trabalho com gêneros textuais na sala de aula contribui para que o discente tenha acesso à língua em funcionamento, o que possibilita maiores requisitos para entender, interpretar e produzir textos.



## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Lutar com as palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BARROS, D. L. P. **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso**. Campinas: Unicamp, 2005.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COSCARELLI, C. V. Gêneros textuais na escola. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, n. 2, p. 78-86, 2007.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- RAMIRES, V. **Panorama dos estudos sobre gêneros textuais**. Investigações (Recife), Recife, v. 18, n. 18, p. 39-67, 2005.
- REINALDO, M. A. G. **Que concepções teóricas de gênero textual estão subjacentes às questões discursivas do ENEM?** XIX Jornada de Estudos Linguísticos, 2002.
- RODRIGUES, H. R. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2005.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1998.